

A FALTA DO SACRADO EM CLARICE LISPECTOR

Carlos Magno Gomes (UFS)¹

RESUMO

Este ensaio apresenta uma leitura da falta de fé do narrador Rodrigo, de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, como uma marca da modernidade. Essa falta do sagrado aniquila o homem que vive em crise consigo e com o mundo. Para tentar se salvar, ele busca extirpar seu mal na construção de uma personagem humilde e simples, todavia se perde na culpa de não conseguir se humanizar. Sua maldade vai se revelando por meio da perversidade que alimenta sua relação com Macabéa. Metodologicamente, usamos conceitos de culpa, de Derrida, leveza, de Calvino, e sagrado, de Cavalcanti.

Palavras-chave: culpa; perversidade; sagrado

ABSTRACT

This essay presents a reading of the lack of faith of the narrator, called Rodrigo, in "A hora da estrela", by Clarice Lispector, as a mark of modernity. This lack of the sacred destroys the man who goes through two kinds of crises: with the world and an internal one. In order to save himself, he tries to eradicate his evil in the construction of a humble and simple character. However, he straggles in the guilt of not being able to get humanized. His badness will be revealed through the perversity that feeds his relationship with Macabéa. Methodologically, concepts of guilt, by Derrida, lightness, by Calvin, and sacred, by Cavalcanti were used.

Keywords: guilt; perversity; sacred

¹ Prof. Adjunto de Teoria Literária da Graduação e Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe. Doutor em Literatura pela UnB (2004), com pós-doutorado em Letras Vernáculas pela UFRJ (2007). E-mail: calmag@bol.com.br

A literatura brasileira apresenta diferentes representações do sagrado. Na fase de formação, temos diversas vertentes desses laços místicos que vão desde as manifestações religiosas propostas pelos jesuítas até os romances históricos de Alencar, que, por exemplo, explora o discurso cristão como parte da identidade do herói nacional em *O Guarani*. No modernismo, o sagrado é questionado e é parte do conflito do herói que tenta abandonar a fé para se salvar. Todavia, perdido de si e de Deus, ele busca refúgio na redescoberta do sagrado como acontece com Severino, de João Cabral de Melo Neto, que perde a fé na procura de uma vida melhor, mas se depara com o sagrado e com a esperança que seu filho lhe traz. Esse mesmo conflito está no âmago da crise existencial de Riobaldo, herói de *Grande Sertão: Veredas*, que luta para se livrar do pacto com o Diabo, mas só consegue se salvar quando encontra paz dentro de si. Essa eterna luta do homem pela paz interior, assinala o quanto a falta do sagrado faz parte dessa procura.

Na contemporaneidade, esse conflito se tornou mais denso, pois o herói pós-moderno não consegue se salvar, por isso vive um eterno conflito com o sagrado, visto que, mesmo sem acreditar no divino, não consegue se livrar da culpa, do pecado, da falta de Deus em sua vida. Essa intrínseca relação entre o homem moderno e a culpa que a falta do sagrado provoca está representado nos dilemas de Rodrigo S. M. de *A hora da estrela*, de Clarice Lispector. Esse autor-narrador vive o dilema de dar vida íntima a sua criação, Macabéa, todavia, sua perversidade assusta, pois ele não consegue se livrar da culpa de não ter fé. Por estar desacreditado de si e do mundo, essa personagem mergulha em uma profunda crise existencial que o torna cruel e maléfico com sua criação. Sem saída para si, ele opta por eliminar seu peso, Macabéa, todavia continua assombrado por sua culpa, sua descrença no divino.

Esse desvio é responsável pela deformação ética desse narrador. Com a perda dos princípios humanos, o homem tende a manifestar sua perversidade de forma inquietante. Tal inconstância humana diante da falta de fé nos remete ao espectro temeroso e monstruoso que um homem sem fé assume, visto que ele incorpora o fora e o além do *locus* social, pois se origina no dentro (COHEN, 2000, p. 32). Desse conflito originário pela falta do sagrado, surge o artista em crise que, por não ter extirpado as

desgraças sociais, como guerras e da exploração do homem pelo homem, opta por representar sua falta de fé como uma culpa coletiva da sociedade contemporânea.

Especificamente, a literatura tem feito diferentes reflexões para assinalar a presença dessa falta do sagrado na sociedade contemporânea. Tal crise nasce do fortalecimento da ciência e modernização do mundo. Destacamos uma sofisticada forma de reflexão social em que a falta do sagrado é uma consequência da barbárie da modernização que sistematicamente só valoriza o progresso deixando pelo homem refém dessa luta desenvolvimentista. Nesse sentido, podemos resgatar a culpa como a grande crise do homem assombrado por seus temores interiores. Consciente da coleção de fantasmas herdados, o escritor moderno não consegue se livrar dessa culpa que é coletiva (DERRIDA, 1994). Não há saída, esse mal é parte de sua arte e está representado de forma explícita ou suplementar na forma como representar a falta do sagrado.

Com base nessas premissas, este artigo analisa como a falta do sagrado está representada por Clarice Lispector em *A hora da estrela* (1977). Na busca de extirpar sua falta de fé, o autor-narrador, Rodrigo S. M., se isola para encarar o fantasma que ronda sua produção artística, o outro de classe, concretizado com a criação da personagem Macabéa. Para construir nosso argumento, partimos das reflexões de Jacques Derrida e Jeffrey Cohen sobre o eterno retorno dos fantasmas e dos monstros da modernidade como parte da culpa do homem de não conseguir se livrar do sagrado. Macabéa pode ser vista como um ser fantasmático para Rodrigo que, na produção artística, atravessa uma crise agônica.

Para muitos pensadores, o sagrado foi sequestrado na contemporaneidade, visto que diante do pensamento científico, não há espaço para o insólito. No mundo moderno, a ciência abriu mão da espiritualidade, quando afastou o sagrado da natureza e o substituiu pelas explicações racionais do pensamento científico (CAVALCANTI, 2004, p. 25).

Dentro das dualidades construídas pela instrumentalização da natureza: o sentimento e a razão, o espiritual e o material, temos as oposições do mundo moderno que tendem a colocar em polos diferentes tais constituintes da cultura contemporânea.

Nessa perspectiva, não há espaço para o campo espiritual, nem para as tradições. Tais conhecimentos foram desprezados pelo saber científico, pois “a consciência ocidental desenvolveu-se tomando a direção unilateral do racionalismo, mas um racionalismo desalmado que se pretende científico” (CAVALCANTI, 2004, p. 51).

Na obra de Clarice Lispector, a falta do sagrado está presente de forma visceral e é parte constituinte de enredos de suas narrativas que têm protagonistas tentando se libertar desse temor. Yudith Rosenbaum, em *Metamorfoses do mal*, identifica a perversão como parte fundamental de seu processo de criação que usa categorias grotescas, cruéis e negativas da humanidade para explicar o absurdo da vida, pois “o mal se impõe, justamente como avesso e constituinte da humanidade e não como algo fora dela” (2006, p. 176).

Já no primeiro romance, *Perto do coração selvagem* (1944), a falta de fé faz parte da identidade da protagonista Joana. Ela se mostra fria na forma como se relaciona com os outros e sua “perversidade surge como caminho inevitável para quem nega a forma do mundo pela dificuldade em se comunicar com ele” (ROSENBAUM, 2006, p. 48). Outro exemplo sádico dessa ausência do sagrado pode ser identificado na protagonista de *A paixão segundo G. H.* (1963). Ela busca um encontro consigo mesma que só se conclui depois de muitas tormentas pessoais quando resolve engolir uma pegajosa barata que passa a sua frente. Com essa ação, ela tenta extirpar seus demônios internos por meio de um processo epifânico para chegar ao seu sagrado, a paz interior.

Em *A hora da estrela*, Lispector apresenta essa falta do sagrado de forma sombria e subjetiva em que o mal vai se instalando aos poucos na relação sádica entre Rodrigo S. M e sua personagem. A ambivalência espacial dessa narrativa nos alerta para o processo de travessia pelo qual o autor-narrador passa na tentativa de se salvar. Do quarto isolado de Rodrigo aos espaços soturnos por onde Macabéa transita, temos pistas de uma travessia tanática, da busca desesperada pela salvação. Ele se isola para enfrentar o mal que o persegue.

Atormentado pela obrigação de escrever sobre o outro de classe, Rodrigo tenta se livrar dessa culpa para encontrar-se consigo. Sem humanidade e sem Deus, ele não

sabe como se livrar do peso de sua personagem: “a datilógrafa não quer sair de meus ombros” (LISPECTOR, 1999, p. 22). Por ser criada para suprir uma falta, Macabéa nasce de uma culpa de Rodrigo não conseguir dar voz aos excluídos em sua literatura. Internamente, essa ausência de fé pode ser identificada no tom de zombaria presente desde os vários títulos e do jogo entre a escritora Lispector, o narrador Rodrigo e a personagem Macabéa. Assim, a autora brinca com a fragilidade do homem sem fé.

Entre a culpa de Rodrigo e a leveza de Macabéa, há uma tentativa de salvação do escritor: “apesar de eu não ter nada a ver com a moça, terei que me escrever todo através dela” (LISPECTOR, 1999, p. 24). Essa metamorfose de Rodrigo passa por uma sádica relação em que as identidades do autor e da personagem se confundem. Além do mais, Macabéa é descrita como um ser às avessas, um ser sem vida: “ela não passara de uma caixinha de música meio desafinada” (LISPECTOR, 1999, p. 87). Ao descrever um ser fragmentado, esse narrador está também se mostrando desafinado consigo mesmo.

Diante dessa busca do sagrado, Rodrigo não sabe se comportar, por isso se trai, visto que a forma como menospreza sua personagem revela o quanto ele age em benefício de sua própria transformação. Tal leitura só é possível se trouxermos para esta reflexão os significados da alegoria da falta de fé que atravessa o texto ficcional. A alegoria constitui-se em uma dimensão dos textos literários porque reflete uma dimensão fundamental de nosso pensamento coletivo (JAMESON, 1992, p. 30-1).

A culpa que atormenta Rodrigo pode ser vista como um mal maior, um problema coletivo de falta de fé da humanidade em Deus e no próprio homem. Isso se explica porque somos culpados, somos herdeiros da barbárie social, uma vez que o espírito do povo sugere que há sempre uma aparição-sobrevivente que obedece à temporalidade do seu retorno (DERRIDA 1994, p. 196). Essa problematização da culpa que a falta do sagrado trouxe para o homem moderno é debatida de forma magistral pela metáfora da crise do escritor diante da culpa social.

Nessa perspectiva, articulamos a concepção da culpa como parte integrante da narrativa. Rodrigo escreve para se livrar da culpa que lhe ronda. Esse processo, no entanto, se torna ambíguo, pois em vez de encontrar sua fé, ele não consegue dar vida ao

outro de classe. Assim, o ato estético da construção de uma personagem que só fala por meio de um discurso esvaziado da indústria cultural, projeta um problema coletivo. Um mal que está além da boa vontade do escritor de problematizar sua contemporaneidade.

Em diversas passagens, Rodrigo deixa pista de seu conflito interior: “através dessa jovem dou o meu grito de horror à vida. À vida que tanto amo” (LISPECTOR, 1999, p. 33). Nesse sentido, identificamos a culpa como parte implícita do processo artístico, das representações culturais e da própria História como um longo pesadelo (JAMESON, 1992, p. 307). Com essa opção estética, percebemos que o fantasma da culpa que ronda Rodrigo é bem maior que um caso particular, pois a humanidade não pode se livrar de seu passado, por isso a culpa insiste em voltar (DERRIDA, 1994, p. 233).

A má consciência de Rodrigo nos ajuda a entender melhor a presença do mal que vai ganhando contornos tanáticos em sua criação: “A gargalhada era aterrorizadora porque acontecia no passado e só a imaginação maléfica a trazia para o presente, saudade do que poderia ter sido e não foi” (LISPECTOR, 1999, p. 33). Macabéa faz parte de um pesado cenário em que ruídos estranhos e imagens grotescas denunciam a complexidade da produção artística feita por um homem em crise diante da vida.

No processo metanarrativo em que autor e personagem fazem parte do universo ficcional, Macabéa se desloca por um espaço de fronteiras entre o céu e o inferno: “A datilógrafa vivia numa espécie de atordoado nimbo, entre céu e inferno” (LISPECTOR, 1999, p. 36). Situada em uma zona sombria, Macabéa é tratada por Rodrigo como um ser muito distante dele. Essa forma de tratamento pode ser vista como uma estratégia de salvação, algo muito comum quando se trata de diminuir a força de um ser monstruoso, do qual queremos nos livrar (COHEN, 2000, p. 33).

Assim, aos poucos, identificamos as pistas do misterioso rito de passagem por que se submetem autor e personagem em busca de uma salvação: “acompanhada do princípio ao fim por uma levíssima e constante dor de dentes” (LISPECTOR, 1999, p. 24). Nessa travessia, só a ação maléfica de judiar de sua personagem pode libertar Rodrigo de sua culpa. Por isso, a narrativa vai ganhando uma atmosfera misteriosa e sombria na qual Macabéa é acompanhada de perto por um “violino plangente tocado por um homem

magro bem na esquina. A sua cara é estreita e amarela como se ele já tivesse morrido” (LISPECTOR, 1999, p. 24). Nesses espaços ambíguos, a falta do sagrado aponta o quanto esses serem são atormentados.

A assunção da dor e da morte em *A hora da estrela*, assim como em outras obras da autora, traz a “irrupção perturbadora de forças tanáticas quase incognoscíveis, que desafiam a própria linguagem que as representa” (ROSENBAUM, 2006, p. 176). Nessa obra, a dor se intensifica na relação entre escritor e personagem e nos proporciona uma metáfora da busca da salvação humana. Por ser simplória, Rodrigo acha que logo se livrará do peso de Macabéa, contudo, essa aparente vida simples de Macabéa se transforma em um grande fardo para Rodrigo.

A busca da leveza em *A hora da estrela* está sugerida pelo incômodo que o autor sente ao criar sua personagem. Isto é, temos um autor que se perde em meio a sua consciência pesada, todavia, à medida que vai narrando a trajetória de Macabéa, vai se humanizando, ou, pelo menos, encenando uma saída menos humilhante para si. No entanto, essa alegoria da busca da leveza nos remete a conflitos humanos complexos e quase sempre sem saída. Nesse sentido, podemos dizer que a literatura opta pela ambiguidade como saída, pois entre uma consciência pesada e a leveza de uma mente tranquila, as fronteiras são tênues.

Ao construir uma personagem frágil e simples, Rodrigo busca chegar à leveza da liberdade de sua arte. No entanto, não é isso que o leitor identifica, pois ele se perde na sua travessia. Ítalo Calvino nos alerta para essa problemática: “Muito dificilmente um romancista poderá representar sua ideia da leveza ilustrando-a com exemplos tirados da vida contemporânea, sem condená-la a ser o objeto inalcançável de uma busca sem fim” (CALVINO, 1990, p. 19). Macabéa representa essa busca sem fim, a leveza da personagem está associada ao peso que ela significa para Rodrigo. Nesse embate, o texto se desdobra.

Assim, a culpa que ronda o processo de criação de Macabéa nos possibilita dizer que a falta de fé está no cerne da criação dessa personagem. Ela já nasce condenada à morte por ser fruto de uma culpa coletiva. Alegoricamente, Macabéa pode ser vista

também como uma tarefa para Rodrigo. Ela se projeta de forma tão visceral que ele não tem escolha para “querê-la” ou “recusá-la”, pois como herdeiro seu destino já está traçado (DERRIDA, 1994, p. 78).

A metanarratividade presente na forma como o texto é apresentado nos ajuda a entender o processo de busca pessoal por que passa Rodrigo: “A ação desta história terá como resultado minha transfiguração em outrem e minha materialização em objeto” (LISPECTOR, 1999, p. 20). Essa busca de se transformar no outro é o grande desafio para um homem que está perdido em meio a sua função social: “sou um desesperado e estou cansado” (LISPECTOR, 1999, p. 21). Não há saída para ele, somente encarando seu fantasma pode ter alguma paz pessoal.

Esteticamente, a perversidade que está por trás da relação entre Rodrigo e Macabéa remete-nos a diversos planos narrativos. Um dos mais marcantes é a falha do autor em conseguir construir a alteridade dessa personagem. Isso porque, esteticamente, a voz de Macabéa é dada por meio da repetição. O narrador, dentro de seus princípios sádicos, vai esvaziando sua personagem de discurso. Tudo em Macabéa é repetição. Ele não lhe dá acesso à voz. Ela só repete discursos da indústria cultural. Além disso, ela repete as mentiras da amiga de trabalho, Glória, repete as inumeráveis notícias da rádio relógio. Se observarmos com acuidade, Rodrigo trata Macabéa como uma marionete, como um ser sem voz e condenado à repetição. Tal conscientização reforça a ideia de um homem perdido de si de descrente do mundo.

Diante dessa total descrença, a maldade preenche diversos espaços dessa obra. Ela se estende por toda narrativa e pode ser identificada no discurso de outras personagens sem ética: Olímpico, além de humilhar Macabéa, é ladrão e assassino; Glória, a amiga que rouba seu namorado; e Madama Carlota, a cartomante sem nenhum escrúpulo, que lhe prevê um futuro de estrela. Cada um deles só pensa em si. Além disso, todos cometem pequenos delitos e exploram a inocência de Macabéa. Esses personagens reforçam a ideia de como todos estão perdidos.

Contrastando com esse excesso de maldade, Rodrigo dá contornos de leveza para Macabéa, uma personagem destinada às alturas. As associações com coisas leves

perpassam toda a narrativa, desde sua inocência sexual: “é virgem e inócua, não faz falta a ninguém” (LISPECTOR, 1999, p. 13), até sua vida com poucos recursos: “o seu viver é ralo” (LISPECTOR, 1999, p. 23). Tal simplicidade não se traduz em leveza para Rodrigo, pois cada vez mais vai se descrevendo como um escrito em crise: “Mas por que estou me sentindo culpado?” (LISPECTOR, 1999, p. 23).

Com esse jogo entre um ser pesado e um inócuo, a maldade se manifesta expondo toda a ambiguidade dessa relação conflituosa. Ao construir um ser esteticamente leve, Rodrigo não se livra do peso do mesmo para ele, pois “tudo aquilo que escolhemos e apreciamos pela leveza acaba bem cedo se revelando de um peso insustentável” (CALVINO, 1990, p. 19). O peso dela é incalculável para um escritor que buscava se salvar de seu pessimismo.

Assim, ao se deparar com a necessidade de se encontrar com esse passado, Clarice Lispector o faz da melhor forma possível: misteriosa e original. Ela se camufla de Rodrigo para ficar o mais distante possível de seu fantasma: “tenho um arrepio de medo. Ainda bem que o que eu vou escrever já deve estar na certa de algum modo escrito em mim” (LISPECTOR, 1999, p. 20). A travessia da narrativa é muito dolorida para Rodrigo que, além de adquirir olheiras, planeja “só cochilar de pura exaustão” (LISPECTOR, 1999, p.19).

Nessa travessia, o esvaziamento de Macabéa como um ser estranho pode ser visto como uma narrativa dupla a que descreve como ela é, trazendo o testemunho de Rodrigo, e a que detalha a que uso ela serve. Nesse sentido, ela pode ser vista como um ser monstruoso por ser um incômodo para Rodrigo, pois “o monstro é uma narrativa dupla, duas histórias vividas – a que descreve como o monstro pode ser outra – seu testemunho – que detalha a que uso cultural o monstro serve” (COHEN, 2000, p. 42).

Com essa forma particular de dar voz a Macabéa, temos umas das principais contribuições estéticas desse texto: representar um excluído sem voz, sem destino, sem espaço social. Um excluído que atordoia a memória da escritora, mas que também é uma herança coletiva: “e preciso falar dessa nordestina senão sufoco” (LISPECTOR, 1999, p. 17). Todavia, tentando se salvar ao exorcizar o mal que lhe persegue, Rodrigo se

apaixona por sua invenção. O peso das primeiras páginas vai se transformando em um conflito maior quando o criador anuncia seu amor pela criatura: “ela me incomoda tanto que fiquei oco. Estou oco desta moça” (LISPECTOR, 1999, p. 26). Apesar desse mal e dos defeitos de sua personagem, Rodrigo começa a se sentir aliviado quando o texto vai ganhando forma: “Sim, estou apaixonado por Macabéa, a minha querida Maca, apaixonado pela sua feiúra e anonimato total pois ela não é para ninguém” (LISPECTOR, 1999, p. 68).

Sem poder fugir de seu fantasma, Rodrigo passa a encará-lo, já que ele não passa do testemunho de sua falta de fé, de sua crise com o mundo e consigo mesmo. Como um homem moderno, ele se distanciou do sagrado. Como saída, ele experimenta exorcizar sua culpa por meio da criação desse outro, testemunhando “o que *somos* à medida que *herdamos*, e aí está o círculo, aí está a oportunidade ou a finitude, herdamos isto mesmo que nos permite dar testemunho” (DERRIDA, 1994, p. 79). Assim, buscando se livrar definitivamente de sua herança, ele continua escrevendo.

A fragilidade dessa protagonista nos leva a refletir sobre a condição de Rodrigo, um intelectual que se afastou do sagrado de si, mas que espera se livrar dessa falta ao construir um ser tão frágil e “leve por causa da esvoaçada magreza” (LISPECTOR, 1999, p. 19). Essa magreza de Macabéa esconde a compacidade que ela representa para Rodrigo que à medida que o romance vai sendo escrito vai se tornando mais leve, isso porque “o conhecimento do mundo é a dissolução de sua compacidade” (CALVINO, 1990, p. 21).

Ela é um mal que precisava ser construído para a dissolução da falta de fé do narrador. Daí, o luta desesperada de Rodrigo com a obrigação de se livrar dessa culpa: “é minha obrigação contar sobre essa moça entre milhares delas. E dever meu, nem que seja de pouca arte, o de revelar-lhe a vida” (LISPECTOR, 1999, p. 13).

O peso da narrativa está presente desde o momento que Macabéa monta nos ombros de Rodrigo. Seu sonho é voltar a ser livre: “quando eu me livrar dessa história, voltarei ao domínio mais irresponsável de apenas ter leves prenúncios” (LISPECTOR,

1999, p. 29). Esse jeito irresponsável de narrar e de se abstrair da trágica vida da protagonista pode ser visto como um indício do sadismo do narrador.

Como venho afirmando neste artigo, a morte de Macabéa é um crime necessário, sem o qual Rodrigo não se livra de seu peso, de sua culpa. Somente com a morte de Macabéa, ele se liberta. Depois da previsão de Madama Carlota do futuro de estrela, Macabéa saiu “aos tropeços” em uma noite “funda e faustosa”, nesse espaço ambíguo, entre vida e morte, há uma profunda relação de alívio: “Assim como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretara sentença de vida” (LISPECTOR, 1999, p. 79). Essas ironias são entrecortadas pelo sadismo do narrador ao justificar sua escolha: “É que fui longe demais e já não posso mais retroceder” (LISPECTOR, 1999, p. 80).

Como já dito, a dor de dente e a música triste que atravessa toda a narrativa se intensificam na hora do atropelamento de Macabéa. Sua coisificação também se intensifica: depois de morta e ela é descrita em um sonho de Rodrigo como um “Manequim de cera” com “cabeça rolando redonda e oca a seus pés” (LISPECTOR, 1999, p. 80). Essas descrições ambíguas que são feitas em pequenos comentários nos alertam para complexidade da cena da morte de Macabéa. Ela morre atropelada por um Mercedes Benz, mas é descrita como uma “galinha de pescoço mal cortado que corre espavorida pingando sangue” (LISPECTOR, 1999, p. 81).

Se Rodrigo declara seu amor à Macabéa, isso não se concretiza na narrativa, pelo contrário, ele atinge o ápice da maldade ao decepar metaforicamente Macabéa. Com a cabeça dela nas mãos, Rodrigo passa a se sentir aliviado. Esse sacrifica a própria modernidade que lhe exigia uma adesão com os mais fracos. Assim, podemos dizer que uma das qualidades estéticas dessa obra está no fato de ela fazer uma reflexão sobre a ação maléfica da modernidade sem cair no fascismo da diversão. A obrigação de escrever sobre sua culpa não faz da tarefa de Rodrigo uma atividade de entretenimento.

Metaforicamente, as perversas intromissões de Rodrigo nos remetem a um ritual xamânico, em que Rodrigo fala de seu alívio: “é assim que se escreve? Não, não é acumulando e desnudando. Mas tenho medo da nudez, pois ela é a palavra final” (LISPECTOR, 1999, p. 82). Ele se descreve nu e aliviado por ter extirpado o mal que lhe

atormenta, mas tem vergonha da exposição de sua face maligna, capaz de tudo para se libertar da culpa.

Nessa obra, esteticamente, a voz de Macabéa é um simulacro. Ela só aparece por meio de uma intervenção externa. Clarice Lispector explora essa problemática de uma forma perversa, pois em nenhuma passagem a voz da personagem se consolida. Ela é cortada pela fala de Rodrigo e das outras personagens. Sempre o leitor terá o filtro do narrador sádico que, quando promete lhe dar voz, logo afirma que ela não tem competência para se expressar.

Rodrigo promete algo, para logo depois lhe usurpar o bem conquistado. Assim ele faz com a programação da rádio. Macabéa ouve, mas não entende e só repete as notícias. Com o namorado, ela tem sua companhia, mas não sabe desfrutar dos prazeres ao lado dele. Sadicamente, Rodrigo chega a prometer um futuro triunfante para Macabéa, todavia, o leitor se depara com uma jovem atropelada. As perversões que giram em torno dessa construção nos chamam a atenção pela ferocidade da forma como o narrador tenta se livrar da sua culpa, que também é parte de sua falta de fé.

Se retomarmos a ideia de que Macabéa é uma excluída e de que ela nasce da culpa de Rodrigo por nunca ter escrito sobre os pobres, podemos dizer que a falta de voz dela nos traz também ao debate de até que ponto um artista deve dar voz ao outro de classe? Na narrativa, Rodrigo pode tudo, mas ao mesmo tempo diz que não pode se intrometer naquela história para mudar o destino trágico de sua personagem, deixando para o leitor analisar o porquê de tanta maldade com sua personagem.

Seguindo as pegadas da música triste e da dor de dente que cortou a narrativa do início ao fim, podemos dizer que Rodrigo passou por um ritual de libertação do mal da modernidade e de busca do sagrado. Esse estilo xamânico e feiticeiresco da literatura de Lispector nos denuncia sua capacidade de fazer do mal uma energia recriadora de seus enredos. Por isso, podemos dizer que o mal, na ficção de Lispector, pode ser visto como “uma força mobilizadora do enredo” e como uma “potência destruidora das estruturas acomodadas e conservadoras” (ROSENBAUM , 2006, p. 20).

Ao atropelar Macabéa depois de anunciar um futuro grandioso, Rodrigo deixa pistas de sua necessidade de escritor exorcizar seus fantasmas. O fim da esvoaçante personagem nos remete à falta de fé imposta pela sociedade moderna. Ao optar por uma personagem que é usada como um sacrifício para se encontrar com sua fé, esse narrador resgata um dos principais desafios do homem moderno: se aproximar de Deus, já que “a racionalidade mais profunda implícita em toda operação literária deva ser procurada nas necessidades antropológicas a que essa corresponde” (CALVINO, 1990 p. 40). Na sociedade que produziu Macabéa, não havia lugar para ela.

Após confirmar a morte da protagonista, Rodrigo continua confuso. Ele parece mais aliviado, mas também está exausto de sua travessia. Primeiro ele fala de alívio “Estou tão puro que nada sei” (LISPECTOR, 1999, p. 83-4). Mas logo depois denuncia sua condição: “Macabéa me matou... acabo de morrer com a moça” (LISPECTOR, 1999, p. 86). Nessa transmutação, Rodrigo assume sua condição desesperada de busca de fé. Ao se mostrar aliviado e morto, ele denuncia que sua falta de fé é algo tão insólito quanto o próprio sagrado para o homem marcado pela racionalidade tecnológica.

Assim como outros narradores de Clarice Lispector, Rodrigo busca uma verdade de uma forma obsessiva “por atingir uma verdade ou totalidade sempre esquiva é a fissura irônica maior da obra de Clarice, que faz da linguagem fonte, objeto e alvo da pulsão criativa em constante ebulição” (ROSENBAUM, 2006, p. 52).

Com a compensação do alívio que a morte da personagem traz para Rodrigo, temos mais um elemento das fábulas populares presentes como parte da herança que cabe ao escritor moderno. Todo o mal que perseguiu o escritor durante sua trajetória ficcional nos leva ao caminho do herói de fábulas que sofre como justificativa de que a privação e as necessidades podem ser recompensadas (CALVINO, 1990). Ele é recompensado com o alívio, mas continua atormentado pela falta de algo.

No plano coletivo, podemos dizer que o escritor moderno contextualiza sua crise individual como algo da contemporaneidade. Todavia, como se trata de uma obra marcada, esteticamente, pela irreverência e pela paródia, os sentidos ambíguos no remetem a um campo da hipótese de que Clarice/Rodrigo torna-se consciente da

impossibilidade do artista moderno se livrar da falta do sagrado, e ele vai ser sempre atormentado por essa culpa.

Concluindo, podemos dizer que, entre outras deduções, *A hora da estrela* traz a tentativa de Lispector resgatar o sagrado por meio da representação da sua culpa, da sua dívida social. Nesse processo de libertação, a autora se exhibe por meio da consciência pesada de não conseguir a paz que buscava quando tenta se livrar de seus fantasmas interiores.

Mesmo depois de todo o processo de transformação de Rodrigo, a obra nos deixa várias pistas do quanto o narrador não consegue se aproximar do sagrado, pois sua perversidade faz parte integrante do ato de narrar, presente na construção de uma personagem marionete, que é sadicamente sacrificada pelo autor que busca salvação. Assim, tanto pelo olhar artístico, quanto pelo cultural, essa obra contextualiza a luta do homem moderno pela busca interior.

Além do mais, por apresentar uma circularidade narrativa, mesmo com a morte de Macabéa, *A hora da estrela* sugere que o escritor não se livra de seus fantasmas facilmente. Podemos dizer que Rodrigo é um personagem assombrado, pois ele segue sendo atormentado pelo sagrado mesmo depois do sacrifício de Macabéa, pois continua sem fé. Assim, na sociedade moderna que se distanciou de suas tradições sociais, a reaparição do espectro do outro está fadada ao seu eterno retorno, pois “o mundo vai mal, o quadro é sombrio, dir-se-ia quase negro” (DERRIDA, 1994, p. 108).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAVALCANTI, Raissa. **O retorno do sagrado**: a reconciliação entre ciência e espiritualidade. São Paulo: Cultrix, 2004.

CALVINO, Ítalo. Leveza. **Seis propostas para o próximo milênio**. Rio de Janeiro: Companhia das Letras, 1990.

COHEN, Jeffrey Jerome, A cultura dos monstros: sete teses. In COHEN, Jeffrey Jerome. **Pedagogia dos monstros**: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

DERRIDA, Jacques. **Espectros de Marx**. Trad. de Anamaria Skinner. Rio de Janeiro: Relume - Dumará, 1994.

Carlos Magno Gomes

JAMESON, Fredric. **O inconsciente político**. Trad. de Valter Lellis Siqueira. São Paulo: Ática, 1992.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

ROSENBAUM, Yudith. **Metamorfoses do mal**: uma leitura de Clarice Lispector. São Paulo: Editora da USP, 2006.

Recebido: 27/05/2012

Aceito: 13/07/2012